

# **A noção de séries complementares em Freud e o papel da música na clínica com crianças com transtornos de desenvolvimento**

Tiago de Moraes Tavares de Lima

## **A noção de séries complementares**

O problema da etiologia das neuroses ocupou Freud ao longo de toda sua obra, fazendo parte de um campo composto por pontos centrais de sua teoria, como as noções de sexualidade infantil, inconsciente e fantasia (Lerner, 2008). Trata-se de uma questão que forçava Freud a participar de importantes debates científicos de sua época, para definir qual o lugar da psicanálise em relação a outros conhecimentos e à ciência em geral.

Lucille Ritvo (1992) demonstra como diversos aspectos e orientações tomadas pelas teorizações freudianas procuravam responder às exigências de cientificidade vigentes nos movimentos acadêmicos de sua época. Nesse contexto, é de importância fundamental levar em conta as conseqüências que a difusão das idéias de Darwin trazia à embriologia, neurologia e biologia do fim do século XIX e início do XX – e, por extensão, à psicanálise. De fato, Freud não apenas foi leitor de Darwin, como teve diversos professores e mestres que participaram ativamente do processo de revisão de vários dogmas científicos impulsionado pela teoria darwiniana.

Em primeiro lugar, pode-se falar do novo estatuto que passa a ser atribuído ao termo “evolução” ou “desenvolvimento”. Por sinal, havia no século XIX, um único termo para designar esses dois sentidos, hoje com conotações distintas – *Entwicklungsgeschichte*. Tratava-se de um termo até então utilizado dentro da embriologia, mas que a partir de Darwin adquiriu a conotação de *filogênese*. Nasce, a partir daí, a concepção de paralelismo entre o desenvolvimento ontogenético e o filogenético, a qual estará bastante presente na obra de Freud: o ontogenético seria uma recapitulação da evolução filogenética da espécie, ou da humanidade. Veremos mais a frente esta característica do pensamento freudiano em mais detalhes.

Em segundo lugar, a autora destaca como a teoria de Darwin serviu como reforço a certas concepções, presentes desde Goethe, que identificavam uma “unidade da vida”, um princípio unificador presente na diversidade das formas de vida. Apesar de

Darwin se mostrar crítico a teorias que relacionavam esse princípio a uma progressão rumo à perfeição das formas (caso de Lamarck), sua postulação de um ancestral comum entre as espécies e de princípios de seleção natural universais unificou boa parte da informação que se tinha sobre a natureza. Esse sentido de unidade, assim, refletia-se também na esperança de um princípio comum a todas as ciências, esperança compartilhada por Freud no seu desejo de encontrar um paralelo orgânico para as descrições psicológicas que desenvolvia. Esse projeto de Freud para a psicanálise, apesar de ter sido obrigado a ser abandonado em benefício ao desenvolvimento da própria psicanálise, reaparece de forma pontual em diversos momentos da obra de Freud. Mais do que isso, esteve presente desde o início de seu pensamento, influenciado que foi, desde jovem, pelas idéias de Goethe, e também de Darwin.

Uma terceira característica, encontrada por Ritvo, do universo científico da época que de alguma forma incorporou-se aos textos freudianos e que gostaríamos de mencionar aqui se encontra na relação entre Darwin e Lamarck. Sobre isso, a autora sustenta que, no século XIX, as teorias de Lamarck e Darwin não eram de modo algum vistas como opostas. O confrontamento de suas idéias como diametralmente opostas, tal como vemos hoje em dia na identificação do nome de Darwin com evolução por seleção natural e do de Lamarck com herança dos caracteres adquiridos, foi produto da ação posterior de pensadores darwinistas. Na época de Darwin e, mesmo na de Freud, o problema da herança dos caracteres adquiridos não era restrito a correntes marginais da ciência ou localizado apenas no pensamento de Lamarck; tratava-se, na verdade, de uma tese existente muito antes de Lamarck e, de tal forma difundida no meio científico, que nem mesmo chegou a ser combatida na revisão de Lamarck feita por Darwin.

A revisão da obra de Lamarck feita por Darwin restringia-se à concepção do primeiro de que havia um fator voluntário na transmissão de caracteres entre as gerações ou, ainda, à postulação de uma lei do desenvolvimento progressivo das formas de vida em direção à perfeição. Quanto à possibilidade de transmissão de caracteres adquiridos entre gerações, ou mesmo a lei do “uso e desuso”, Darwin não tinha nem mesmo os recursos científicos (providos pelo estudo da genética e pelo resgate, só empreendido por volta de 1900, da obra de Mendel – cf. Ritvo, 1992, p. 66) para questioná-las.

Dessa forma, temos que, na verdade, a tese da transmissão dos caracteres adquiridos entre as gerações só caiu em descrédito bem depois de Darwin, por volta de 1930 (Ritvo, 1992). Freud, por sua vez, só manifesta ciência desse fato em 1938, após

advertência de Jones feita a ele acerca do tema: “com maior reflexão, devo admitir que me comportei por muito tempo como se a herança de traços de memória da experiência de nossos ancestrais, independentemente de comunicação direta e da influência da educação pelo estabelecimento de um exemplo, estivesse estabelecida de modo inquestionável” (Freud *apud* Ritvo, 1992, p. 99-100). Mesmo reconhecendo que dar esse passo representa uma “ousadia”, defende que ela não pode ser evitada. Afinal, dela depende a possibilidade de transposição da psicologia individual para a de grupo. Em *Moisés e o monoteísmo*, ele segue com sua linha de raciocínio, defendendo que a derivação filogenética nos fenômenos residuais do processo de análise “demole a barreira que fora arrogantemente erguida entre o homem e o animal” (p. 100). Essa passagem do trabalho também revela sua aceitação da idéia de instinto animal:

“Se há alguma explicação a ser encontrada para os chamados instintos [*instinkt*] dos animais, que lhes permite comportarem-se desde o início em uma nova situação na vida, como se fosse antiga e conhecida – se há alguma explicação afinal a ser encontrada para essa vida instintiva dos animais, só pode ser a de que trazem as experiências de suas espécies com ele para sua nova existência – isto é, preservaram lembranças do que foi experimentado por seus ancestrais. A situação no animal humano no fundo não seria diferente. Sua própria herança arcaica corresponde aos instintos dos animais, embora seja diferente em seu âmbito e conteúdo” (Freud *apud* Ritvo, p. 101).

Quisemos traçar esses elementos da obra de Freud para, identificando suas origens e compreendendo as motivações com que são incorporadas na teoria, sermos capazes de compreender quais foram as contribuições de Freud ao tema da relação entre o ontogenético e o filogenético – em outras palavras, entre o valor das disposições e das experiências. Isso porque, se é possível identificarmos diferentes pesos dados a um e a outro ao longo da obra freudiana, e se existe o argumento de que, de fato, Freud sempre quis comprovar como o ontogenético recapitula o filogenético, ainda assim, antes disso, somos obrigados a fazer uma constatação de decisiva importância. A saber, que, para Freud, ambos os fatores desempenham papéis necessários no problema da etiologia das neuroses.

“A questão do inato em contraposição ao acidental ocupou Freud por muito tempo, até que ele a resolveu com a ‘série complementar’ em 1915. Freud, ao longo de sua vida, atravessou toda a gama de controvérsia natureza-educação; da ênfase na hereditariedade (Charcot), a seguir na experiência (seduções da infância); de novo no inato (o complexo de Édipo), a seguir no reconhecimento da interatuação entre eles

(reconhecida por Goethe); e finalmente no estudo da intrincada natureza dessa interatuação (a série complementar)” (Ritvo, 1992, p. 58).

Apesar do conceito de série complementar ter aparecido em 1915, na terceira edição dos Três Ensaio<sup>1</sup>, desde o início da obra freudiana podemos encontrar afirmações nesse sentido, apesar da ênfase consideravelmente diferente dada à importância de cada fator. Em 1896, quando a teoria do trauma da sedução estava em seu ápice nas idéias de Freud, ele separava em três classes as influências etiológicas das neuroses: (1) condições; (2) causas concorrentes e (3) causas específicas, dentre as quais a hereditariedade cumpriria o papel de condição. A causa específica é aquela sem a qual não se daria o aparecimento da doença. Sobre a relação entre elas, Freud afirma:

“A experiência mostra – como se poderia imaginar de antemão – que, nessas questões de etiologia, não se devem desprezar as quantidades relativas, por assim dizer, das influências etiológicas. Mas não se poderia adivinhar o seguinte fato, que parece proceder de minhas observações: a saber, que a hereditariedade e as causas específicas podem substituir uma à outra no que tange à quantidade – que o mesmo efeito patológico é produzido pela coincidência de uma etiologia específica muito grave com uma predisposição moderada, ou de uma hereditariedade nervosa intensamente carregada com uma leve influência específica. E estaremos simplesmente nos deparando com exemplos extremos e esperáveis nessa série, se encontrarmos casos de neurose nos quais procuremos inutilmente qualquer grau apreciável de predisposição hereditária, desde que o que falta seja compensado por uma poderosa influência específica” (ES 3: 147).

No caso desse texto, a causa específica – que nem sempre é condição suficiente, porém é necessária ao desencadeamento da neurose – estava sobreposta à vida sexual do sujeito, seja ela atual (neuroses atuais: neurastenia e neurose de angústia) ou passada (psiconeuroses: histeria e neurose obsessiva). Sobre as psiconeuroses o fator determinante era a exposição do sujeito a uma experiência sexual precoce antes da puberdade: “reconheço sua atuação em todos os casos de neurose e, finalmente, traço um paralelismo regular, prova de uma relação etiológica especial, entre a natureza da influência sexual e a espécie patológica da neurose” (ES 3: 149).

---

<sup>1</sup> “Para englobar a maioria dos casos, podemos representar o que foi descrito como ‘série complementar’ em que a intensidade decrescente de um fato é equilibrada pela intensidade crescente do outro” (Freud apud Ritvo, 1992, p. 61).

Se examinarmos seu artigo de 1898, *A sexualidade na etiologia das neuroses*, depararemos-nos com uma mudança sutil, porém fundamental na argumentação de Freud. A causa específica não passa mais a ser caracterizada como uma experiência de sedução precoce, mas é deslocada para a própria sexualidade infantil. A tese anterior, ainda que não completamente abandonada, teve de ser revista à medida que Freud se dá conta que muitas das lembranças de sedução de suas pacientes aconteceram apenas na fantasia. A operação que é habilmente efetuada no texto é um alargamento da noção de sexualidade, passando a incluir a sexualidade infantil e considerando-a, agora, como algo *natural* (e não mais trauma precoce causado pelo outro):

“Ele [Freud] não abandonou por completo o que considerou sua ‘grande descoberta’ da importância da experiência – o trauma das seduições de infância –, mas a deslocou do ontogenético para o filogenético, da experiência infantil do indivíduo para a experiência infantil da raça” (Ritvo, 1992, p. 60).

Essa operação já aparece de forma bastante evidente nos *Três Ensaio*s, de 1905, onde não só a libido sexual, mas também as inibições são caracterizadas como expressões filogenéticas<sup>2</sup>. Quanto à manifestação da sexualidade e da ligação da pulsão a certos objetos, Freud é bastante claro ao destacar a importância tanto das forças pulsionais inatas quanto o valor da experiência. Reconhece que certas disposições podem prescindir da excitação provinda do ambiente, surgindo espontaneamente no período propício do desenvolvimento, mas também ressalta a importância das experiências de satisfação como iniciadoras de uma série que buscará repetir a experiência, ao mesmo tempo em que será passível de deslocamento.

Na edição de 1915, já não faltam inserções de passagens que ressaltam o paralelismo entre filogênese e ontogênese – isto é, que destacam como o desenvolvimento ontogenético já carrega características e tendências que foram adquiridas pela experiência da raça (Ritvo, 1992). Na verdade, entre 1905 – ano da primeira publicação do trabalho – e 1915 – ano da terceira edição dos *Três Ensaio*s –

---

<sup>2</sup> “Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências estéticas e morais). Nas crianças civilizadas tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso. Na realidade, porém, esse desenvolvimento é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, sem nenhuma ajuda da educação. Esta fica dentro do âmbito que lhe compete ao limitar-se a seguir o que foi organicamente prefixado e imprimi-lo de maneira um pouco mais polida e profunda” (*ES 7*: 167).

essa idéia havia ganhado corpo numa série de outros trabalhos que trataram da fantasia<sup>3</sup>. Nestes textos, podemos perceber o esforço de Freud em descrever algumas fantasias universais típicas, que ganham, portanto, o estatuto de heranças da humanidade. Em segundo lugar, vemos como vai se consolidando a idéia de um universal específico que terá destaque especial: o complexo de Édipo.

Voltando à questão das séries complementares, a noção recebe uma exposição mais detalhada em 1916-17, especialmente nas Conferências 22 e 23 das *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Na primeira, Freud se dedica à exposição do conceito de *regressão* da libido, e de sua relação com a *fixação*. O desenvolvimento psicosssexual não se dá de forma uniforme em direção à sexualidade adulta, havendo uma fixação da libido em vários pontos – isto é, objetos – desse percurso. A regressão seria o retorno do investimento da libido a esses pontos a partir de uma frustração de satisfação atual da libido com um objeto do presente. Em outras palavras, a libido que não conseguiu obter satisfação num objeto atual, da sexualidade adulta, procurará vazão num objeto fixado do passado. Quanto maior a quantidade de energia fixada, também maior será a dificuldade do sujeito em persistir em formas mais “maduras” de satisfação, sendo facilitado o recurso a regressão.

Pois bem, Freud afirmará que a fixação atua nesse processo patogênico na qualidade de predisposição, enquanto que a frustração corresponde à atuação da experiência. Ainda neste texto, resume a questão da seguinte maneira:

“São as neuroses doenças exógenas ou endógenas? (...) Mais particularmente, são elas causadas pela fixação da libido (e pelos outros aspectos da constituição sexual) ou pela pressão da frustração? (...) Quanto à sua causação, os casos de doença neurótica enquadram-se numa série, dentro da qual os dois fatores – constituição sexual e experiência, ou se preferirem, fixação da libido e frustração – estão representados de modo que, quando um dos fatores é mais forte, o outro o é menos” (ES 16: 350).

Na conferência seguinte, Freud dará um passo importante na questão, à medida que inclui a primeira infância nos fatores predisposicionais. Descreve, assim, uma segunda série complementar em adição à série formada pela disposição e pela experiência, na qual a “Disposição devida à fixação da libido” é definida pela

---

<sup>3</sup> Por exemplo, *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908), *Romances familiares* (1909), *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (1910), *A disposição à neurose obsessiva* (1913).

interatuação da “Constituição Sexual (experiência pré-histórica)” e da “Experiência Infantil” (ES 16: 364).

### **Aspectos inatos e relacionais do ponto de vista da qualidade musical:**

Há um campo de pesquisa na atualidade que se dedica ao estudo da primeira infância na interação mãe-bebê, procurando encontrar aspectos e características fundamentais desse laço para o desenvolvimento. Essas pesquisas se relacionam com o tema das séries complementares freudianas à medida que procuram distinguir aspectos inatos e relacionais do desenvolvimento da criança, além do papel desempenhado por cada um desses fatores em distúrbios do desenvolvimento.

Outro ponto que destacaremos aqui é a tese comum entre elas de que a primeira interação do bebê com o outro cuidador está assentada em características e capacidades inatas do bebê cuja qualidade musical, e que esses elementos serão a base para o desenvolvimento da intersubjetividade e, por conseguinte, da linguagem e da relação da criança com o mundo e com a cultura.

### **Sintonia (‘attunement’) e**

### **Musicalidade Comunicativa (‘Communicative Musicality’)**

Na década de 70, Stern e Beebe iniciaram pesquisas que se propunham a analisar a natureza da comunicação mãe-bebê nos primeiros meses de vida (Stern, 1992; Trevarthen, 2002). Concluíram que havia um *timing* intersubjetivo presente nessa relação, um padrão temporal nos sinais emitidos por cada uma das partes em interação, revestida por motivações e emoções de modo a criar uma “sintonia” (*attunement*) entre eles:

“(…) acumulou-se a evidência de que a comunicação inicial está assentada em formas primitivas poéticas e musicais que auxiliam a criança a se unir e contribuir com um fluxo simpático de movimento e sentimento. Elucidar as motivações inatas para esse jogo com afetos dinâmicos, e como elas são transformadas pelas convenções culturais à medida que a criança imita e aprende a tomar parte disso com habilidade, coloca-se

como um grande problema científico para a psicologia do desenvolvimento” (Papaeliou & Trevarthen, 1994, p. 19) (tradução nossa).

Um bebê, desde o momento do nascimento, é capaz de reconhecer os padrões sonoros da voz de sua mãe e manifesta preferência por ela. Mais do que isso, observou-se que o bebê se engaja numa “protoconversa” rítmica e afetiva com o cuidador a qual coordena modulações e expressões vocais com movimentos corporais e gestuais e com orientações do olhar. A importância que a interação com o outro tem para o bebê nesse processo é revelada por experimentos publicados por Murray e Trevarthen nos quais, por exemplo, pediu-se que mães ficassem durante um minuto na frente de seus bebês em silêncio, com uma expressão impassível. Essa atitude produzia fortes protestos por parte do bebê (cf. Malloch, 1999). Noutro experimento, colocava-se a mãe e o bebê para interagirem um com o outro através de uma gravação da imagem e do som de cada um deles, a qual era transmitida ao vivo para outro em um aparelho de televisão. A performance de cada um era gravada. Num segundo momento, colocava-se o bebê para interagir com a imagem e som de sua mãe que haviam sido gravados. A dissincronia entre as ações produziam sinais de protesto e de desligamento da atenção do bebê (cf. Malloch, 1999). “Uma criança busca não apenas formas de sinais comunicativas encorajadoras de sua mãe – os sinais têm de ser temporizados e flexionados apropriadamente” (p. 31).

“Desde o nascimento, bebês se movem de forma ritmada com propósito integrado – e o pulso fundamental e acelerações de movimento pareceram ser compatíveis com as expressões espontâneas e intuitivas dos adultos. (...) Desde o início, os ritmos fundamentais do adulto e do bebê coincidem” (Schögler & Trevarthen, 2007, p. 282) (tradução nossa).

O bebê e a mãe partilham, assim, nesses momentos de troca, um senso de tempo comum, o qual seria o ponto de toque entre os dois, ao mesmo tempo que a fonte da experiência do bebê sentir todas as partes do seu corpo como um único Self. Mais do que isso, Schögler & Trevarthen (2007) observam como há um intercâmbio de modalidades sensoriais que participam desse partilhamento do tempo-em-movimento, de modo que voz, corpo e face são coordenados e alternados em unidades coerentes de um tempo musical.



Mais recentemente, Malloch (1999) aprofundou a análise dos padrões rítmicos, melódicos e temporais envolvidos nesse jogo vocal e gestual entre mães e bebês e propôs o conceito de “musicalidade comunicativa”<sup>4</sup>. Haveria padrões universais dessa interação que levam o autor a conceber um “*Intrinsic Motive Pulse*” (IMP) inato que fundamentaria a forma como o bebê busca a comunicação com o outro. Este é composto de três elementos: (1) um senso temporal rítmico, designado como *pulso*, (2) sensibilidade à variação de intensidade, frequência e timbre, a que os autores dão o nome de *qualidade*, e (3) “uma percepção de “*narrativa*” no desenvolvimento emocional de uma linha melódica, permitindo a antecipação da repetição de harmonias, frases e formas emocionais na performance musical ou vocal” (Trevvarthen, 2002, p. 26) (tradução nossa). As mudanças na qualidade e pulso ao longo do tempo no interjogo de vocalizações e movimentos entre um bebê e sua mãe passam a compor uma ‘narrativa emocional’, delimitando fases de expressão que passam a ser compartilhadas.<sup>5</sup>

## **Musicalidade e intersubjetividade**

A idéia dessa prontidão do bebê para interação com o outro, levou à construção do conceito de uma Intersubjetividade Primária (Stern, 1992; Gratier & Trevarthen, 2007; Trevarthen, 2002). O fundamento dessa intersubjetividade e a forma por ela assumida estão radicados numa sensibilidade intrínseca do bebê de tempo e espaço no contato com o outro – “hierarquias rítmicas de impulso motor na expressão corporal, e valores emotivos de padrões harmônicos e melódicos na voz. É agora evidente que sinais expressivos do corpo todo, mas especialmente do rosto, da voz e das mãos, são

---

<sup>4</sup> “Essa pesquisa sugere que nosso corpo expressa impulsos da nossa mente em dimensões compatíveis, e que somos capazes de reagir instantaneamente às expressões um do outro, para refletir suas motivações. É inadequado denominar essa comunicação de ‘não-verbal’. A expressão corporal e vocal é tão poderosa no manejo das relações humanas que ela merece um nome melhor. Estendendo a metáfora, nós a chamamos de Musicalidade Comunicativa [Communicative Musicality]” (Malloch & Trevarthen, 2000, p. 5). No mesmo artigo, os autores acrescentam: “A Comunicação se estabelece através da prosódia da fala direcionada ao bebê, da participação do bebê nesta, e dos movimentos faciais e gestuais tanto dos pais quanto do filho” (p. 7).

<sup>5</sup> Em um exemplo registrado por Malloch e Trevarthen, uma menina de 6 semanas de idade desenvolve uma proto-conversa de 26 segundos. As vocalizações da mãe são rítmicas e agrupadas em frases ou compassos com modulações melódicas, que formam por sua vez uma introdução, desenvolvimento, clímax e resolução da atividade. As vocalizações emitidas pelo bebê (marcadas abaixo com um asterisco) coincidem especialmente com os instantes de passagem entre essas partes da narrativa:

“|Come on | A-gain | Come on then | That-'s clever-er! \*\* | Oh yes! Is that right? |  
|Well, tell me some more then |\* | Aaaah! | Come on | \* \* | E-goo! | | E-goo! |”

(Schögler & Trevarthen, 2007, p. 283).

coerentes numa subjetividade única ou em um tempo e espaço ‘corporificados’ desde o nascimento” (Trevvarthen, 2002, p. 25) (tradução nossa). O bebê tem uma intersubjetividade inata à medida que é capaz de imitar e de responder a respostas recíprocas de imitação ou de “sintonia” do outro numa protoconversa.

Se na intersubjetividade primária, o bebê nasce disposto a uma cooperação com o outro, depois de alguns meses de vida, essa interação se estende para um interesse no interesse do outro. O bebê passa a observar cuidadosamente a forma como o outro age com objetos e iniciam-se jogos com o outro agora envolvendo também objetos, criando uma forma de cooperação “pessoa-pessoa-objeto” (Gratier & Trevvarthen, 2007). Nesse momento, portanto, muito antes da fala e da linguagem já terem se estabelecido para o bebê, este já é capaz e se interessa pela apreensão dos propósitos das ações do outro – levando alguns autores a falar numa “intencionalidade compartilhada” (Colle & Grandi, 2007). Ao mesmo tempo, começa a construir seu self à medida que se dá conta dele através do olhar do outro, isto é, colocando-se no lugar do outro que o observa. O fundamento dessa operação é uma consciência do outro como um *self-other*, a partir do qual se organizará o seu próprio self, através da comunicação e do contato com o outro (cf. Aitken & Trevvarthen, 1997; Reddy & Trevvarthen, 2004).

“Em diálogos imitativos, a sequência na qual o bebê imita a imitação que a mãe faz de sua própria vocalização é claramente a transformação através do outro. Isso envolve uma experiência e exploração do self pelo exterior onde o self social se encontra com o self inato. O Outro introjetado no Self tem tanto uma função estruturante como de guia, exercitando o crescimento do ‘caráter’ e da ‘identidade’” (Gratier & Trevvarthen, 2007, p. 174) (tradução nossa).

Os elementos envolvidos na passagem de uma forma de relação com o Outro pautada pela fusão, sensorialidade, dualidade, para uma relação de separação, abertura para o mundo e entrada nos caminhos da cultura nos interessa especialmente se pensarmos nos casos de transtornos de desenvolvimento, como é o caso do autismo, em que o sujeito se encontra estagnado numa configuração intersubjetiva do primeiro tipo – ou, talvez, ainda anterior a ela. A forma como podemos compreender a relação entre música e desenvolvimento das relações intersubjetivas, na perspectiva que viemos apresentando aqui nos parece fecunda à formulação de possibilidades de utilização da música na intervenção clínica. Mas o desenvolvimento dessas questões nos conduziria a uma discussão demasiado longa para nossos propósitos aqui.

## **Música, voz e cultura:**

Se abordarmos a questão do ponto de vista da voz, já citamos como o bebê é capaz, ao nascer, de reconhecer a voz de sua mãe – pois, ainda no útero, já era capaz de distinguir a voz da mãe de outras vozes, como atestam experimentos com prematuros (cf. Gratier & Trevarthen, 2007). Porém, temos de lembrar que a voz que a mãe dirige ao bebê não é a mesma voz com que fala normalmente. A voz com que se dirige ao bebê já é, por si só, uma voz dupla, pois é a voz que sua nova identidade materna tem para ela, e a voz que responde aos impulsos e sentimentos que o bebê lhe dirige. Além disso, a voz de alguém é sempre uma multiplicidade de vozes, pois carrega marcas de uma história social e cultural. “O que é certamente crucial é que bebês podem escutar e experienciar uma unidade nessa multiplicidade, sabendo que todas essas vozes pertencem a uma única mãe amorosa e protetora. Ao mesmo tempo, eles começam a escutar as continuidades e as rupturas entre a voz da mãe e a voz dos outros próximos que carregam visões de mundo similares” (p. 177) (tradução nossa).

Gratier & Trevarthen (2007), portanto, distinguem a importância dos elementos inatos e universais envolvidos nas vocalizações emitidas entre mães e bebês, ao mesmo tempo em que identificam o quanto essa interação começa a criar traços singulares na criança. Isso porque a voz da mãe carrega a história de suas filiações na forma como sua fala é acentuada, no seu estilo e no uso recorrente de certas palavras ou frases. E, a partir disso, “à medida que o bebê interage de forma significativa com outros próximos, a cultura começa a habitar seu corpo e sua voz” (p. 179). Assim, a partir das motivações inatas para compartilhar e significar, começam a se desenvolver marcas sociais que criarão raízes na comunidade em que nasceu já expressas no seu corpo e na sua voz.

Vemos, portanto, como a questão da identificação e compreensão do papel de fatores inatos e relacionais é complexa. Trevarthen (2002) faz uma consideração sobre como, por muito tempo (e, em grande medida, até hoje), as ciências se dividiam na ênfase de apenas um ou outro desses fatores:

“A psicologia social e a antropologia são, compreensivelmente, relutantes em atribuir um fundamento ‘biológico’ da complexa vida social humana. A ciência médica e psicológica reduziu tanto a natureza humana ao nível dos sistemas físicos que as fontes da motivação e da atenção consciente ficam remotas e difíceis de compreender. Mas, a ciência comparativa do comportamento, cujo pioneiro foi Charles Darwin,

mostra que a vida animada social em sua essência de forma elaborada. Através do estudo dos fundamentos da ação conjunta e da atenção cooperativa na infância, podemos perceber o papel crucial dos impulsos emocionais no aprendizado da cultura” (p. 27).

Podemos, assim, dizer que Freud, apesar das limitações da ciência de sua época e do fato de ter empreendido algumas teorizações que não se mostraram frutíferas tanto do ponto de vista da psicanálise quanto do da psicologia e da medicina, foi bastante original em reconhecer a importância de uma série complementar a qual foi apenas recentemente novamente defendida por algumas pesquisas. Sua preocupação tanto com as características disposicionais quanto relacionais presentes nas escolhas subjetivas dos indivíduos normais e neuróticos ressoa com a tentativa atual de se compreender e diagnosticar distúrbios cuja origem se vê já na primeira infância, como é o caso do autismo. Considerando-se uma combinação em algum grau de fatores orgânicos e interacionais, parece-nos produtivo atentar à qualidade musical presente tanto na intersubjetividade inata quanto nos seus desenvolvimentos em direção à fala e à música propriamente dita. Por essa via, encontram-se elementos importantes tanto para a prática do diagnóstico, como para tratamentos possíveis e intervenções precoces em casos de distúrbios de desenvolvimento (Malloch & Trevarthen, 2000; Malloch & Trevarthen, 2002; Schögler & Trevarthen, 2007).

### **Referências Bibliográficas:**

- Aitken, K. & Trevarthen, C. (1997) Self-Other Organization in Human Psychological Development, *Development and Psychopathology*, (9), 651-675.
- Colle, L. & Grandi, E. (2007) Shared Intentionality and Autism: a Comment on Muratori and Maestro's 'Autism as a Downstream Effect of Problems in Intersubjectivity Interacting With Difficulties in Brain Connections'. *International Journal for Dialogical Scienc*, 2 (1), 125-132.
- Freud, S. (1996) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [ES]:*
- A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896), vol. 3.
  - A sexualidade na etiologia das neuroses (1898), vol. 3.
  - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), vol. 7.

- Sobre as teorias sexuais das crianças (1908), vol. 9.
- Romances familiares (1909), vol. 9.
- Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor) (1910), vol. 11.
- A disposição à neurose obsessiva (1913), vol. 12.
- Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917), vol. 16.

Gratier, M. & Trevarthen, C. (2007) Voice, Vitality and Meaning: on the shaping of the infant's utterances in willing engagement with culture. Comment on Beratu's 'On the Notion of Voice'. *International Journal For Dialogical Science, Special Issue*, 2 (1), 169-181.

Lerner, R. (2008) Relato de casos na clínica psicanalítica e em pesquisas: considerações quanto às condições discursivas, In: Kupfer, M. C. & Lerner, R. (Orgs.) *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa*. São Paulo: Escuta/Fapesp.

Malloch, S. (1999) Mothers and Infants and Communicative Musicality. *Musicae Scientiae, Special Issue, 1999-2000*, 29-57.

Malloch, S. & Trevarthen, C. (2000) The Dance of Wellbeing: Defining the Musical Therapeutic Effect. *Nordic Journal of Music Therapy*, 9 (2), 3-17.

Malloch, S. & Trevarthen, C. (2002) Musicality and music before three: Human vitality and invention shared with pride. *Zero to Three*, 23 (1), 10-18.

Papaeliou, C. & Trevarthen, C. (1994) The Infancy of Music. *Musical Praxis*, 1 (2), 19-33.

Reddy, V. & Trevarthen, C. (2004) What We Learn about Babies from Engaging with their Emotions, *Zero to Three*, 24 (3), 9-15.

Ritvo, L. (1992) *A influência de Darwin sobre Freud – um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro: Imago.

Schögler, B. & Trevarthen, C. (2007) To sing and dance together – from infants to jazz, In: Bråten, S. (Ed.) *On being moved: from mirror neurons to empathy*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Stern, D. (1992) *O mundo interpessoal do bebê: uma visão psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Trevarthen, C. (2000) Autism as a neurodevelopmental disorder affecting communication and learning in early childhood: pre-natal origins, post-natal course and effective educational support. *Prostaglandins, Leucotrienes and Essential Fatty Acids*, 63 (1/2), 41-46.

Trevarthen, C. (2001) Autism, Sympathy of Motives and Music Therapy. *Enfance*, (1), 86-99.

Trevarthen, C. (2002) Origins of musical identity: evidence from infancy for musical social awareness. In: MacDonald, R., David J. Hargreaves, D. J. and Dorothy Miell, D. (Eds.) *Musical Identities*. (pp. 21-38). Oxford: Oxford University Press.